

A INSTALAÇÃO DA CIDADE CEMITERIAL EM PELOTAS NO SÉCULO XIX

ANDERSON PIRES AIRES¹; ESTER JUDITE BENDJOUYA GUTIERREZ²

¹Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas – anderson.pires.aires@gmail.com

²Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas – esterjbgutierrez@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O século XIX foi um período em que o processo de sepultamentos que ocorria nas cidades passou por alterações. Isso se deu, entre outros motivos, pelo surgimento do *cholera morbus* nas margens do Rio Ganges, na Ásia, e sua propagação pelos demais continentes. Com a chegada dessa doença no Brasil, políticas higienistas que vigoravam em outros países exigiram que as necrópoles fossem retiradas dos centros urbanos e levadas para locais afastados, sendo os lugares ideais terrenos altos e arejados e longe de lençóis freáticos.

Foi a partir da entrada da cólera, aliada a uma iniciativa por parte da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas desde alguns anos antes, que no ano de 1855 foi instalado o Cemitério da Santa Casa. Assim, deu-se início a uma tipologia urbana utilizada também pelos vivos, mas com uso principal pelos mortos, a cidade cemiterial. O estudo se insere na linha de pesquisa da História da Arquitetura e da Cidade e busca averiguar como se deu a implantação dessa tipologia urbana dedicada aos mortos na Estrada do Fragata (atual Avenida Duque de Caxias).

O tema estudado se justifica pela pouca investigação, de forma reunida sobre o Cemitério da Santa Casa de Pelotas, de informações que auxiliem no conhecimento da origem das obras da cidade cemiterial. Além do que, tais dados são importantes para cemiteriólogos e outros pesquisadores que buscam conhecer a história da separação entre os cemitérios e os centros urbanos no século XIX, em especial, no Brasil. Além disso, ajuda na elaboração da dissertação de mestrado intitulada **A cidade cemiterial: Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (1855-1976)**, desenvolvida pelo autor.

2. METODOLOGIA

O estudo histórico do surgimento do Cemitério da Santa Casa de Pelotas foi baseado na averiguação de fontes primárias e secundárias que possibilitaram a organização das informações pertinentes à investigação. Como documentações podem ser citadas as **Atas da Câmara Municipal de Pelotas**, que possibilitaram identificar as interferências do município no processo de desapropriação do terreno para construção do campo santo. Foram também consultadas as **Atas da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas**, que possuem informações sobre a criação e expansão da cidade cemiterial.

Podem ser citados ainda como fonte primária os documentos do Fundo Alberto Coelho da Cunha, nos quais o autor traz detalhes sobre a história do Cemitério da Santa Casa de Pelotas. Como bibliografia auxiliar ao desenvolvimento do estudo, pode ser citada a obra **Arcas de Lembranças**, de Heloísa Assumpção Nascimento, que discorre sobre as necrópoles que existiram na cidade. Também pode ser referenciado o livro **Cemitérios do Rio Grande do Sul – arte, sociedade, ideologia**, onde Lucas Silva escreve um dos capítulos sobre a separação cemitério-centro urbano na segunda metade do século XIX.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ainda antes de Pelotas ser elevada à categoria de cidade, em 1835, já existiam locais destinados às inumações de seus habitantes. Segundo Cunha (s.d.), na época da freguesia, os sepultamentos ocorriam em um terreno localizado no encontro das atuais Avenida Bento Gonçalves e Rua Santa Cruz. Contudo, as inumações ocorreram nesse local somente entre os anos de 1812 e 1819. Porém, este não foi o único campo santo a existir no período da freguesia. Junto à atual Catedral São Francisco de Paula, foi construído um cemitério nos fundos da pequena igreja que existia.

Nascimento (1982) fala que os enterramentos nesse local, que era composto por catacumbas e sepulturas, ocorreram entre os anos de 1820 e 1825. Além disso, até 1827 inumações continuaram a ser realizadas no interior da capela. Com o crescimento da população de defuntos, o cemitério dos fundos da igreja não possuía mais espaço para acolher os mortos e um novo local foi destinado para esse fim. O terreno escolhido ficava compreendido no quadrilátero formado pelas ruas do Passeio, Flores, Vigia e Rogério (respectivamente, as atuais Av. Bento Gonçalves e ruas Andrade Neves, General Argolo e General Osório). Tal campo santo teve utilidade entre os anos de 1825 e 1855. (CUNHA, s.d.).

Mesmo antes do cemitério da Rua do Passeio deixar de ser utilizado, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas passou a buscar outro terreno para a construção da nova necrópole. A entidade tomou essa decisão, pois, segundo Cunha (s.d.), ela detinha o direito de administrar o local de sepultamentos na cidade. A iniciativa começou no ano de 1847, quando a mesa da Provedoria da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, juntamente com a Câmara Municipal de Pelotas, buscou encontrar um local afastado do centro urbano para erigir o novo cemitério (CUNHA, s.d.).

O critério para escolha do terreno estava aliado ao fato dele ser localizado em um local arejado e longe de lençóis freáticos. Para evitar que as doenças se propagassem em meio à população, essa era uma medida adotada no Brasil e no mundo no século XIX (SILVA, 2008). Porém a tarefa não foi fácil de ser executada. Os envolvidos buscavam um local afastado para a nova construção, mas a decisão sobre o terreno foi envolta de discussões. Alguns dos representantes das instituições envolvidas defendiam que o local ideal seria um terreno no Logradouro Público. Só que outros preferiam um terreno localizado na Estrada do Fragata. (CUNHA, s.d.).

Consta nas atas de reuniões da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, entre os anos de 1847 e 1850, a informação de que um terreno havia sido desapropriado para a construção do novo cemitério (NASCIMENTO, 1987). O local escolhido situava-se na Estrada do Fragata e pertencia ao Dr. Thomaz Xavier. Mesmo diante dessa escolha, o proprietário do terreno não queria privar-se de sua propriedade e foi necessária a intervenção da Câmara Municipal de Pelotas, para que fosse feita a desapropriação do local.

Isso ocorreu depois de duas instâncias judiciais (CUNHA, s.d.). Após a desapropriação e o Dr. Xavier ter sido indenizado, a Irmandade da Santa Casa passou a deter a propriedade sobre o terreno. Ele possuía 220 metros de frente pela Estrada do Fragata e 440 metros de fundos junto ao campo do Dr. Xavier (CUNHA, s.d.). Coube, então, à entidade construir o novo cemitério. Mesmo assim, a instituição não dispunha de provimentos necessários para essa obra (NASCIMENTO, 1987). Diante disso, os sepultamentos continuaram sendo realizados dentro do cemitério junto ao Passeio Público, hoje, Avenida Bento Gonçalves.

Passados alguns anos, a construção do novo cemitério não havia sido iniciada. Diante disso, a Presidência da Província emitiu uma portaria, no dia 11 de junho de 1852, exigindo que a obra fosse realizada (NASCIMENTO, 1987). Mesmo assim, nada foi feito. A Irmandade da Santa Casa ainda não dispunha de condições financeiras para esse fim e aguardava repasses do governo da Província. Com isso, o local permaneceu inalterado.

No ano de 1855 a cidade foi acometida por uma doença contagiosa que levou muitos dos moradores de Pelotas ao falecimento. O *cholera morbus*, segundo Cunha (s.d.), alastrou-se depressa pelo município e fez com que mudanças fossem colocadas em prática rapidamente. Diante disso, no dia 13 de novembro de 1855, o Delegado da Comissão de Higiene Pública de Pelotas, o dr. Mascarenhas, pediu ao Provedor da Santa Casa que estabelecesse a construção do novo cemitério (IGHPEL e BPP, 2014).

No dia 23 de novembro de 1855, foi inaugurado o Cemitério da Santa Casa de Pelotas, no terreno da Estrada do Fragata. Inicialmente o local era composto por catacumbas que iam sendo construídas e fechando o terreno, de forma quadrilátera. (CUNHA, s.d.)

Com o passar dos anos, o local foi sendo ampliado com a compra de novos terrenos contíguos àquele desapropriado do Dr. Thomaz Xavier. Outras construções foram erguidas e contribuíram para a expansão e a conformação da cidade cemiterial de Pelotas no século XIX (Figura 01). Dentre elas, estavam os mausoléus e os monumentos mortuários. Estes, juntamente com as catacumbas, eram destinados aos moradores que em vida possuíam poder aquisitivo. Havia também o terreno dos fundos da capela, destinado aos pobres. (NASCIMENTO, 1987)

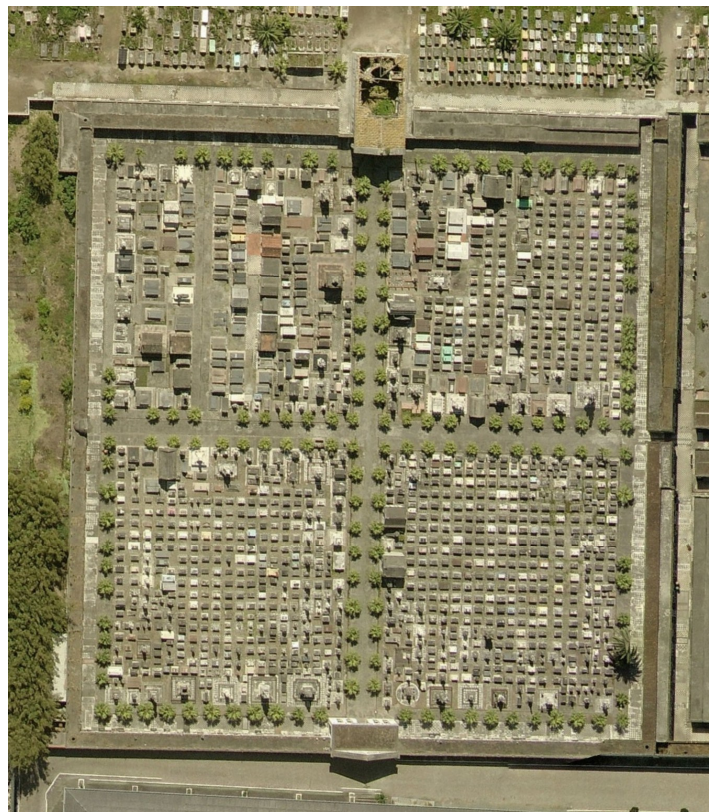


Figura 01: Cemitério da Santa Casa de Pelotas. Fonte: Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana de Pelotas (2012).

4. CONCLUSÕES

A instalação da cidade cemiterial em Pelotas no século XIX ocorreu em um período no qual o mundo passava por transformações na maneira de inumar os seus moradores. Sobretudo no Brasil e, particularmente, em Pelotas, tal fato aconteceu devido à propagação do *cholera morbus*.

Através do estudo da documentação consultada, foi possível observar que o processo de separação cemitério-centro urbano iniciou-se previamente em Pelotas. Contudo, a busca por um novo local foi envolta em discussões, processos judiciais e falta de provimentos para a construção do Cemitério da Santa Casa. Com isso, só foi possível erguer a nova cidade cemiterial em 1855, quando a epidemia da cólera chegou ao município e um novo campo santo foi necessário para evitar o contato entre os vivos e os mortos.

Ainda foi possível observar que, apesar de Pelotas ter antecipado a mudança do local onde os habitantes seriam inumados, a transformação só ocorreu quando os sepultamentos foram proibidos nos centros urbanos. Dessa forma, a cidade cemiterial de Pelotas surgiu em um momento da história no qual diversos centros urbanos tiveram que alterar os locais onde os mortos eram inumados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PELOTAS [IHGPEL]; BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE [BPP] (Org.). **Atas da Câmara Municipal de Pelotas** (1853 – 1860). Pelotas: Ideograf, 2014.

NASCIMENTO, H. A. **Arcaz de Lembranças**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1982.

NASCIMENTO, H. A. **Santa Casa de Misericórdia de Pelotas**: Histórico comemorativo aos 140 anos. Pelotas: Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, 1987.

SILVA, L. S. Cemitério da Matriz: a primeira necrópole de Porto Alegre. In: BELLOMO, H. R. (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul** – arte, sociedade, ideologia. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 249-256.

Fontes Manuscritas

Bibliotheca Pública Pelotense. Arquivo Histórico. Fundo Alberto Coelho da Cunha.

ACC-002 – CUNHA, A. C. **Cemitérios da Cidade de Pelotas**: Santa Cruz, Recinto da Igreja, Detrás da Igreja, N. S. da Luz, Rua do Passeio, Estrada do Fragata. s.d.